

UMA CARTA DE JOÃO CABRAL A ALBERTO DE SERPA

SOLANGE FIUZA*

RESUMO

Publicada em 1950, a revista *O cavalo de todas as cores* foi editada por João Cabral de Melo Neto e por Alberto de Serpa. Como Cabral morava na Espanha e Serpa em Portugal, a revista foi organizada por meio de cartas, que constituem um acervo crítico de interesse. Apresento e transcrevo a primeira carta que compõe a correspondência de Cabral a Serpa, na qual o poeta brasileiro expõe o seu projeto editorial ao confrade português e o convida a dele participar.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Alberto de Serpa; correspondência; revista *O cavalo de todas as cores*.

A seguir, tem-se uma transcrição de uma carta inédita de João Cabral de Melo Neto ao poeta português Alberto de Serpa – a primeira de um epistolário composto por 31 documentos¹ –, seguida de uma versão digitalizada do manuscrito original².

Não se têm notícias das cartas que Serpa endereçou a Cabral, as quais talvez tenham sido descartadas.

Mas, a partir do que está posto no primeiro parágrafo da carta, é possível tentar recompor o contexto em que ela foi escrita. Cabral,

* Professora da Universidade Federal de Goiás/ UFG, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: solfiuza@gmail.com

¹ No momento, trabalho, em parceria com Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto), na edição das cartas de João Cabral a Alberto de Serpa, contando com o “de acordo” da Agência Riff, que responde pelos direitos autorais do emissor e com a autorização da Biblioteca Municipal do Porto, responsável pelo acervo de Alberto de Serpa.

² A versão digitalizada da carta foi gentilmente disponibilizada pela Biblioteca Municipal do Porto, Portugal.

provavelmente, teria dado a Serpa um ou mais exemplares dos livros que estava a imprimir em uma prensa manual, sob o selo O livro inconsútil, e o convidado a colaborar nesse selo com algum título. Serpa então lhe teria escrito agradecendo o/s livro/s recebido/s e elogiando o seu trabalho tipográfico, além de prometer enviar material para impressão. Cabral, na carta, agradece os elogios ao seu trabalho, agradece também um exemplar que Serpa lhe teria enviado de *Poesias*, obra que reúne sete entre os nove livros de versos que o poeta já havia publicado até então³, e agradece ainda a promessa de colaboração à sua editora artesanal. A colaboração seriam uns “Poemas quasi [sic] brasileiros”, de que o leitor toma conhecimento no final da carta. Por fim, Cabral desculpa-se pela demora na resposta ao correspondente.

Toda a resposta à carta de Serpa é dada nesse primeiro parágrafo. O que vem a seguir e toma o restante da missiva de duas laudas manuscritas é um convite que o poeta brasileiro faz ao português. O convite é enunciado de chofre. A firula inicial em relação à promessa de uma colaboração de Serpa à sua editora (“Encanta-me a possibilidade de colaborarmos em alguns livros inconsúteis”) mal disfarça a afoiteza do remetente para enunciar o convite: “Quem sabe se não poderemos levar a efeito uma pequena revista minoritária que tenho planejada, dedicada exclusivamente à poesia, portuguesa, brasileira, espanhola, catalã, galega, antiga e moderna”. O poeta já tem a revista planejada, que será impressa por ele, e o que se segue é uma descrição da materialidade da obra (tamanho do papel, número de fascículos, número de folhas por fascículo, portada, tiragem) e das diretrizes gerais: será uma revista de poesia trimestral e de caráter antológico (“mais de texto que de crítica”); manterá independência em relação à vida literária; será dirigida por um brasileiro e um português, mas publicará textos em outras línguas. O poeta-editor já tem até os textos a

³ O livro *Poesia*, publicado pela Inquérito, de Lisboa, em 1944, reúne os seguintes livros: *Varanda* (1934), *Descrição* (1935), *20 poemas da noite* (1935), *A vida é o dia de hoje* (1939), *Drama – Poemas da paz e da guerra* (1940), *Lisboa é longe* (1940) e *Fonte* (1943). Ficaram de fora dessa poesia reunida apenas dois livros publicados quando Serpa tinha 18 anos: *Quadras* e *Evoé*, ambos de 1924.

serem publicados: os “Poemas quasi[sic] brasileiros” prometidos por Serpa, umas traduções do catalão e uma antologia sobre “O alexandrino en la joven poesia castelhana”.

Apresentada a revista cujo desenho já está praticamente pronto, o remetente convoca a opinião do convidado (“Que acha o amigo de tudo isso?”), deixando claro o quanto o projeto enunciado o seduz (“A ideia me tenta”) e o quanto, para a sua realização, o aceite do outro é fundamental (“sua aceitação é importantíssima”). Diante desse convite, a invitation primeira (a colaboração de Serpa para a fábrica de livro inconsúteis) torna-se secundária e condicionada à impossibilidade de uma resposta positiva ao novo convite (“Se por algum motivo não quer participar da empresa, conto com sua colaboração para a editora, mandando-me os seus ‘Poemas quasi brasileiros’, que imprimirei com grande prazer.”)

Se Cabral tem a revista quase pronta e dispõe de meios próprios para imprimi-la, por que necessita tanto de um coeditor? Por que o aceite deste se lhe afigura importantíssimo? Seria por que uma revista é uma realização coletiva? Ou por que, estando fora do Brasil, na Espanha, precisa de um parceiro que a distribua, que a divulgue? No caso de Serpa, ele tanto tinha muitos contatos em Portugal quanto no Brasil. Além disso, foi secretário da revista *Presença* (1939-1940) e fundou, com Vitorino Nemésio, a *Revista de Portugal* (1937-1940), de que também foi secretário. Cabral sabia seguramente da sua qualidade de secretário das duas importantes revistas e da sua relação com escritores brasileiros, desde o diplomata Ribeiro Couto a Manuel Bandeira, e facilmente veria nele um bom adjuvante para organizar e publicar “uma coisa de carácter português-brasileiro”.

Cabral já vinha, pelo menos desde 1947, procurando um parceiro para editar uma revista e talvez isso explique parcialmente o afã posto no convite a Serpa.

Em carta a Clarice Lispector de 1947⁴, refere-se a uma revista, que se chamaria *Antologia*, teria praticamente as mesmas diretrizes expostas

⁴ A carta é sem data, mas como foi escrita quando Cabral estava às voltas com a impressão de *Psicologia da composição*, que saiu no final 47, infere-se ser ela dessa época.

na carta-convite a Serpa, e seria editada por ele, pelo amigo e diplomata Lauro Escorel e pelo crítico e professor Antonio Candido:

Estou em entendimentos com o Lauro Escorel – e este com o Antonio Candido, de S. Paulo – para fazermos uma revista trimestral, chamada ANTOLOGIA (dístico: PLUS ÉLIRE QUE LIRE, Paul Valéry). Será uma revista minoritária, de 200 exemplares, distribuída a pessoas escolhidas pelos diretores. Não terá programa formulado, não dará nenhuma bola à chamada vida literária, não terá seções, nem de cinema, nem de livros, nem de nada [...] O fim verdadeiro da revista será o de começar a escolher o que presta de todos nós [...] Gostaria que V. nos mandasse – se é que o Lauro já não as solicitou – suas sugestões, e – coisa que seria ótima – que considerasse a possibilidade de figurar como um dos diretores (aliás, em vez de diretores, podíamos declarar: ESTA REVISTA É PUBLICADA POR: a) b) c), etc.) [...] Você compreenderá que numa revista chamada ANTOLOGIA o trabalho de diretor é um trabalho de escolhedor. Diga se quer ser um dos ESCOLHEDORES.

A revista será impressa por mim, aproveitando minha máquina e as delícias do câmbio. Esperamos ter um número pronto – no mais tardar – em março [...] (MELO NETO, 2000, p. 290-291).

A ideia da revista persiste em carta a Manuel Bandeira de 17 de fevereiro de 1948, quando a expõe, dizendo que começará sua composição gráfica logo após concluir a de *Mafuá do malungo*, não obstante ainda não tenha recebido a resposta de Antonio Candido:

Depois de seu livro [*Mafuá do malungo*] concluído, vou começar a composição de uma revista trimestral chamada *Antologia*. A revista não terá programa formulado, mas secretamente perseguirá um duplo sentido existente no seu pretensioso título: o de dar um balanço no numeroso contemporâneo e o de procurar a expressão de um qualquer através do ato de escolher [...]

Esta revista será dirigida pelo Lauro Escorel, por mim e um outro. Já está convidado, para ser esse outro, o Antonio Candido de Mello e Souza. Mas até a última carta que me escreveu o Lauro, o nosso professor não havia ainda respondido ao convite. Para o primeiro número já

temos: a) um ensaio de Antonio Haouaiss sobre o vocabulário de Carlos Drummond de Andrade⁵; b) “*El alejandrino en la poesía castellana del presente*”, nota e antologia de um rapaz daqui; c) 25 tankas de Carles Riba, o melhor poeta catalão vivo, traduzidas por mim⁶. (MELO NETO In: SÜSSEKIND, 2001, p. 60- 61).

Segundo o próprio Antonio Candido, ele “roeu a corda” e a revista *Antologia* não se concretizou. Em depoimento a Selma Vasconcelos, Candido rememora que a proposta era

[...] criar uma revista que tratasse em profundidade de literatura, já que, naquela época, havia uma tendência excessiva de engajamento político dos intelectuais, o que estava deixando a literatura em segundo plano. O Lauro me escreveu dizendo que João Cabral tinha tido a ideia de fundar uma revista séria, eu me entusiasmei muito, e troquei cartas com ele e João Cabral. Embora eu sempre tenha sido de esquerda e sempre me interessado pela literatura política participante, eu achei que estavam exagerando demais. Sobretudo os comunistas. Pensei, estavam esquecendo a literatura, por isso valia a pena fazer uma revista que cuidasse direito dela. Para brincar um pouco, lembro o seguinte: naquele tempo, de literatura participante, o maior xingamento era dizer: Este cara está na torre de marfim, isto é, recolheu-se à pura estética, Eu então, escrevi a Lauro Escorel, propondo, de piada, é claro: vamos fazer uma revista para provocar, com a capa azul celeste e uma torre branca de xadrez tendo, em preto, o título, Torre de Marfim (CANDIDO apud VASCONCELOS, 2009, p. 149).

⁵ Em nota de rodapé a essa carta, Flora Süssekind (2001, p. 62) esclarece: “O estudo de Houaiss, sobre Drummond, mencionado aí, parece ser ‘Poesia e estilo de Carlos Drummond de Andrade’, publicado originalmente no número de setembro-dezembro de 1948 da revista *Cultura*, e depois reimpresso em *Seis poetas e um problema*.”

⁶ Três dessas traduções foram publicadas, segundo Ricardo Carvalho (2011), no número 16 da revista *Ariel*, saído em abril de 1948. Os jovens poetas catalães ligados a essa revista, influenciados por Carles Riba, seguiam uma linhagem mais esteticista da poesia e escreviam, como forma de resistência, em catalão.

Tal qual Serpa, Candido deveria afigurar-se a Cabral como um coeditor de interesse. Era um crítico respeitado e seria um excelente divulgador da revista entre os intelectuais do Brasil. Tanto que, tendo ele “roído a corda”, a parceria não foi levada adiante com Lauro Escorel, que, como Cabral, vivia fora do Brasil nesse momento no exercício da diplomacia. Vale lembrar que Candido (2002) foi o autor da primeira resenha fora do Nordeste sobre *Pedra do sono*; resenha que, publicada em 1943, teve uma influência sobre o próprio Cabral e também um papel fundador de um determinado modo de ler o poeta ao destacar o construtivismo dos poemas surrealistas do livro de estreia.

A recuperação do projeto gorado com Antonio Candido nas cartas a Clarice e a Bandeira ajuda a entender, por um lado, o afã de Cabral, no convite a Serpa, para concretizar esse projeto. Por outro lado, essas cartas, juntamente com a carta transcrita a seguir, também evidenciam a necessidade de Cabral de apresentar a revista como um projeto bastante avançado, já com sugestões de publicação, quando ainda não tem um coeditor, que com ele deveria definir essas publicações. O que parece estar em questão, sobretudo, nesse caso, é um gosto que se afirma em Cabral pelo planejamento. A partir de *Psicologia da composição*, define-se para o poeta a concepção do livro como fruto de um planejamento prévio; concepção que parece tomá-lo de tal modo a ponto de querer levá-la também para a revista.

O desejo de editar uma revista de poesia também está intimamente ligado a um momento em que Cabral encontra-se profundamente empenhado na impressão de livros, quando dispõe de condições materiais para compor a revista. No início da carta a Serpa, agradece as palavras amáveis a seu hobby tipográfico e a promessa de um conjunto de poemas para estampar. Como se sabe, em Barcelona, Cabral comprou uma prensa manual Minerva e nela imprimiu livros seus e de amigos brasileiros e catalães, no que foi assessorado pelo tipógrafo Enric Tormo, a quem dedica o poema “Paisagem tipográfica”, de *Paisagens com figuras*. Os livros feitos manualmente saíam sob o selo *O livro inconsútil*, nome sugerido por Manuel Bandeira para homenagear os livros feitos com cadernos sem costura, como aqueles compostos por Cabral. O poeta-tipógrafo, em entrevistas,

credita a aquisição da impressora a uma prescrição médica para que fizesse exercícios físicos. Anedotário à parte, com ou sem prescrição médica, o poeta talvez, movido pela sua paixão pelo objeto livro e pelo desejo de divulgar alguns poetas do Brasil e da Catalunha⁷, comprou a impressora e se dedicasse à edição artesanal de livros.

Cabral era um fazedor obsessivo. A mesma obsessão posta ao escrever e reescrever os seus poemas, ao compor os seus livros, ele a levou para as edições de *O livro inconsútil*, de modo que, não obstante não se tomasse por editor, mas por impressor, seu trabalho foi, em alguns livros que imprimiu, mais do que de editor, sendo também de organizador, revisor ou até talvez coautor, conforme se pode comprovar ao acompanhar as cartas escritas a Lêdo Ivo quando da preparação de *Acontecimento do soneto* [1948], nas quais sugere o nome do livro, interfere no título de um poema tendo em vista uma simetria gráfica com outro título e propõe alteração em um verso (IVO, 2007, p. 28-29, p. 31-32).

A revista tão desejada e projetada por Cabral ganhou corpo quando Serpa aceitou a parceira. Tendo seu projeto recebido acolhida, Cabral escreveu a Serpa uma missiva entusiasmada de oito páginas manuscritas, a que se seguiram várias outras, versando a maioria sobre o planejamento da revista.

A revista se chamou *O cavalo de todas as cores*, nome sugerido por Alberto de Serpa, teve, como previsto, uma tiragem de 200 exemplares, e foi publicada, ao que se pode inferir pelas cartas, em fevereiro de 1950. O conteúdo traz duas escolhas de Serpa: “Nove canções católicas”, de Pedro Homem de Mello, poeta português popularizado na voz de Amália Rodrigues, e “Poesia”, um poema em prosa ou ensaio poético do presencista José Régio, em que aparece a imagem do “cavalo furta-cor” como símbolo de uma Poesia absoluta. A seleção de Cabral tem um acento bastante empenhado politicamente: “A bomba atômica”, de Vinicius de Moraes, e “Cuatro poetas”, em que o espanhol Rafael Santos Torroella homenageia quatro poetas

⁷ A literatura da Catalunha sofria as consequências da ditadura franquista e Cabral, nesse momento, empenha-se em apoiá-la e em divulgá-la fora da Espanha. Traduz poetas catalães para o português, publica suas traduções em revistas e imprime alguns desses poetas em sua prensa.

assassinados pela ditadura de Franco: Antonio Machado, Federico García Lorca, Miguel de Unamuno e Miguel Hernández. Além desse conjunto poemático, Cabral decide publicar também um pequeno texto de Enric Tormo sobre “xilografia popular em Catalunha”, seguido de reproduções de gravuras do século XVIII da coleção particular de Tormo. A capa traz um cavalo assinado por Francisco García Vilella, pintor espanhol amigo de Cabral que já havia ilustrado *Cores, perfumes e sons* [1948], tradução de poemas de Baudelaire por Osório Dutra, publicado pela O livro inconsútil⁸.

Vê-se que, no projeto realizado, os textos publicados não foram os sugeridos por Cabral na carta e a revista de poesia passou a contar com um caderno plástico não previsto inicialmente. Na verdade, ao longo das cartas, o sumário sofre várias reformulações, pondo em evidência que à vontade de planificação sobrepõe-se a obra como processo, como realização sujeita a alterações e interferências as mais variadas.

Pensada para ser trimestral, a revista *O cavalo de todas as cores* conheceu um único número. Apesar de a seleção de textos para o segundo número já estar pronta, ele não chegou a ser impresso. Nas cartas, Cabral vai alegando uma série de razões para adiar a impressão. Mas o motivo central parece ter sido sua ida para Londres, seu segundo posto diplomático, seu mergulho na literatura de língua inglesa e na vida londrina, como mergulhara antes na literatura de Espanha, o que teria arrefecido a empolgação inicial com a revista e o diálogo intenso e regular com Alberto de Serpa.

A carta que se segue é o marco inicial desse fecundo diálogo epistolar.

.....

A LETTER FROM JOÃO CABRAL TO ALBERTO DE SERPA

ABSTRACT

Published in 1950, the magazine *O cavalo de todas as cores* was edited by João Cabral de Melo Neto and Alberto de Serpa. As Cabral lived in Spain and Serpa in Portugal, the magazine was organized through the medium of letters, that

⁸ O único artigo localizado especificamente sobre essa revista foi *O cavalo de todas as cores: uma revista editada por João Cabral de Melo Neto, de Ricardo Carvalho* (2007), .

constitutes an interesting critical collection. I present and transcribe the first letter from Cabral's correspondence to Serpa, in which the Brazilian poet exposes his editorial project to his Portuguese colleague and invites him to collaborate.

KEYWORDS: João Cabral de Melo Neto; Alberto de Serpa; correspondence, *O cavalo de todas as cores* magazine.

UNA CARTA DE JOÃO CABRAL A ALBERTO DE SERPA

RESUMEN

Publicada en 1950, la revista *O cavalo de todas as cores* (*El caballo de todos los colores*) fue editada por João Cabral de Melo Neto y por Alberto de Serpa. Como Cabral vivía en España y Serpa en Portugal, la revista fue organizada por medio de cartas, que constituyen un acervo crítico de interés. Presento y transcribo la primera carta que compone la correspondencia de Cabral a Serpa, en la cual el poeta brasileño expone su proyecto editorial al cofrade portugués y lo invita a de él participar.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; Alberto de Serpa; correspondencia; revista *O cavalo de todas as cores* (*El caballo de los colores*).

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária – poesia ao norte. In: _____. Textos de intervenção. Seleção, apresentação e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas cidades; Ed. 34, 2002. p.135-142

CARVALHO, Ricardo Souza de. *A Espanha de João Cabral e Murilo Mendes*. São Paulo: Ed.34, 2011.

_____. *O cavalo de todas as cores*: uma revista editada por João Cabral de Melo Neto. Revista USP, São Paulo, n.73, p. 112-116, mar./maio 2007.

IVO, Lêdo. *E agora adeus*: correspondência para Lêdo Ivo. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007. p. 21-86.

MELO NETO, João Cabral de. Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector. Apresentação por Carlos Mendes de Sousa. *Colóquio/Letras*, Paisagem

Tipográfica: homenagem a João Cabral de Melo Neto, Lisboa, n. 157/158, p. 283-300, jul./dez. 2000.

_____; SERPA, Alberto (Dir.). *O cavalo de todas as cores*. Revista trimestral. Barcelona, 1950. [impressa por João Cabral de Melo Neto]

SÛSSEKIND, Flora (Organização, apresentação e notas). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

VASCONCELOS, Selma. *João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta*. Recife: Ed. do autor, 2009.

Prezado confrade Alberto de Serpa,

muito obrigado pelas amáveis referências feitas, em sua carta, ao meu “hobby” – o trabalho tipográfico – e muito obrigado também pelo presente de suas poesias completas. Teria ainda mais coisas que agradecer: por exemplo, a colaboração que promete prestar ao “Livro inconsútil”. Mas escrever cartas é para mim cada vez mais difícil. Não sei escrever bilhetes – como não me agrada recebê-los – e por isso vou deixando as cartas sem resposta, até um ponto que raia a falta de educação.

Encanta-me a possibilidade de colaborarmos em alguns livros inconsúteis. Quem sabe se não poderemos levar a efeito uma pequena revista minoritária que tenho planejada, dedicada exclusivamente à poesia, portuguesa, brasileira, espanhola, catalã, galega, antiga e moderna. Uma coisa ampla, mais de texto que de crítica. Uma coisa que não pague nenhum tributo à vida literária e ao livro recebido. E, quando houver prosa – que deveria ser a mais reduzida dada a preguiça do impressor para compor textos em prosa –, que sejam as mais teóricas e muito pouco de circunstância. Em cada número, poderiam sair três ou quatro fascículos, cada um com poema longo ou com uma pequena suite de poemas. Cada fascículo teria uma portada – como se fosse um pequeno livro; cada língua poderia ter um redator (português, dois), etc., etc. Cada fascículo poderia ter oito páginas de texto (a revista teria dimensões grandes como a folha do papel em que estou escrevendo¹⁰), etc., etc.

Evidentemente, dados os meios técnicos do impressor, a revista teria de ser, forçosamente, uma coisa de uns 200 exemplares, em bom papel. Coisa, infelizmente, de luxo. Dados, também, esses meios, creio que o mais aconselhável seria fazê-la trimestral. E aliás, pensando melhor, agora,

⁹ A transcrição é fiel ao documento original, havendo apenas a atualização ortográfica.

¹⁰ Conforme dados da Biblioteca Municipal do Porto, que generosamente nos concedeu uma versão digitalizada das cartas, a folha de papel da carta tem 28 cm.

uma coisa de caráter português-brasileiro. Isso talvez nos daria mais liberdade de ação e permitiria que nos movéssemos dentro do castelhano, do catalão e do galego, sem interferência de gente de outras línguas.

Que acha o amigo de tudo isso? A ideia me tenta e por isso, gostaria de ouvir sua opinião. Por que – se a fizermos – não começaremos com os “Poemas quasi brasileiros”¹¹, e mais duas outras coisas? Tenho umas traduções do catalão e uma pequena antologia, organizada por um rapaz daqui sobre “O alexandrino en la joven poesia castelhana”. Não crê que para começar temos suficiente.

Aguardo sua resposta. Como pode ver desta carta, sua aceitação é importantíssima: pode fazer levar avante o projeto. Se por algum motivo não quer participar da empresa, conto com sua colaboração para a editora, mandando-me os seus “Poemas quasi brasileiros”, que imprimirei com grande prazer.

O calor me obriga a terminar. Aguardando suas ordens, aqui fica seu já amigo

João Cabral de Melo Neto

¹¹ Cabral grafa “quasi” à maneira de Mário de Andrade. Talvez estivesse seguindo a grafia de Serpa na referência a esses poemas que não foram publicados em livro, pelo menos não o foram sob esse título. A grafia poderia ser, por parte de Serpa, um “brasileirismo” linguístico à maneira de Mário de Andrade.

Barcelona, 11. 7. 49



Prezado irmão Alberto de Serpa,
muito obrigado pela amável referência feita, em
sua carta, ao meu "hobby" — o trabalho tipográfico — e
muito obrigado também pelo presente de mais peças
incompletas. Tenho ainda outras coisas que agradecer: por
exemplo, a colaboração que ~~o~~ ~~o~~ ~~o~~ promete prestar
ao "livro incansável". Mas ~~o~~ escrever cartas e' para
mim cada vez mais difícil. Não sei escrever bilhete —
como não me agrada ~~receber~~ recebê-los — e por isso
sou deixando as cartas em resposta, até um ponto
que raia a falta de educação.

Encanta-me a possibilidade de colaborar ~~com~~
~~receber~~ ~~em~~ em alguns livros incansáveis. Quem sabe
se não poderiam ser a efeito uma pequena revista
mensal que tenha planejada, dedicada exclusivamente
à poesia, portuguesa, montesa, espanhola, catalã, galega,
antiga e moderna. Uma coisa ampla, mais de textos
que de crítica. ~~Uma~~ Uma coisa que não faça mero
tributo à vida literária e ao livro recebidos. E, quando
do houver para — que deveria ser a mais reduzida
dada a pequena do impressor para compos textos em prosa —
que sejam as mais técnicas e merito pouco de circunstância.
Em cada número, poderiam sair três ou quatro
fascículos, cada um com ^{poema} ~~um~~ longo ou com uma pe-
quena suite de poemas. Cada fascículo teria uma por-
tada — como se fosse um pequeno livro; cada língua
podia ter um redator (português, etc.), etc. Cada fasci-

culo poderia ter oito páginas de texto (a revista teria dimensões grandes como a folha do papel em que está impresso), etc, etc.

Evidentemente, dados os meios técnicos do imp-
pressor, a revista teria de ser, forçosamente, uma coisa de
uns 200 exemplares, em bom papel. Coisa, implizmente,
de luxo. Dado, também, os meios, não se o mais
acessível seria fazê-la trimestral. E aliás, pensando
melhor, ^{apna} uma coisa de caráter portu-
gal-brasileiro. Isso talvez nos daria mais liberdade de ação e permitiria
que nos movêssemos dentro do castelhano, do catalão e
do galego, sem interferência de gente de outras
línguas. ^o

Que acha o amigo de tudo isso? A idéia
me tenta e por isso, pretendo de vir na
opinião. Pique - se a fizeram - não começarem com o "Poesias
guari brasileiras", e mais duas outras coisas? Terei uma
tradução do catalão e uma pequena antologia, a fazer
por um rapaz daqui sobre "O alexandrino em la poesia
para castelhana". Não há que para começar temos suficiente.

Aguardo sua resposta. Como pode ver desta
carta, sua opinião é importantíssima: pode fazer avançar
avante o projeto. Se por algum motivo não quer parti-
cipar da empresa, então em na colaboração para a edição,
mandando-me os seus "Poesias guari brasileiras", que imprimirei
em grande prazo.

O resto me obriga a terminar. Agradando
suas ideias, aqui fica seu
pá amig

João Cabral de Melo Neto